26º ENANCIB
Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação
A Amazônia na sociedade global em rede: assimetrias e potencialidades informacionais, tecnológicas e ambientais
Belém, Pará, 09 a 13 de novembro de 2026
Universidade Federal do Pará

XXVI ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - XXVI ENANCIB

ISSN 2177-3688

GT 1 – Estudos Históricos e Epistemológicos em Ciência da Informação

ESTÓRIAS NATURAISCULTURAIS: FABULAÇÕES ESPECULATIVAS ENTRE A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E AS HUMANIDADES AMBIENTAIS

NATURAL-CULTURAL STORIES: *SPECULATIVE FABULATIONS BETWEEN INFORMATION SCIENCE AND ENVIRONMENTAL HUMANITIES*

Luani Messias da Costa – Universidade Federal de Sergipe (UFS)
Vinicios Souza de Menezes – Universidade Federal de Sergipe (UFS)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: Sob as nuvens do Antropoceno, essa pesquisa tem como repertório bibliográfico-especulativo a coleta de estórias naturaisculturais entre a Ciência da Informação (CI) e as Humanidades Ambientais (HA). A pergunta de partida é: construídas e acumuladas ao longo dos séculos, como as práticas informacionais podem ser remodeladas em termos naturaisculturais perante os desafios ambientais do nosso tempo? O objetivo geral é investigar as relações possíveis e existentes entre a CI e as HA. Os objetivos específicos são: i) mapear as relações entre a CI e as HA, ii) demonstrar, a partir de uma interposição de narrativas coletadas na literatura acadêmico-científica, as possibilidades de um olhar outro acerca dos estudos informacionais, notadamente antropocêntricos. Essa é uma pesquisa quali-quantitativa de natureza bibliográfica e teve como resultado um *corpus* de 126 trabalhos analisados, dentro do cinturão temático pesquisado. Com uma abordagem especulativa, apenas 2 trabalhos trataram diretamente da relação entre a CI e as HA. Diante da incipiência da relação temática existente, propomos uma fabulação especulativa entre os campos a partir das questões naturaisculturais que atravessam os atos informes (*informis*) de informar os mundos multinaturais e multiespécies. Ao final, em meio às ruínas do nosso tempo, concluímos que para desanimar a maquinação do mundo em vista de um futuro ancestral é necessário confabular na morada dos estudos informacionais com outras espécies companheiras.
Palavras-chave: humanidades ambientais; ciência da informação; fabulação especulativa; naturezacultura.

Abstract: Under the clouds of the Anthropocene, this research has as its bibliographic-speculative repertoire the collection of natural-cultural stories between Information Science (IS) and Environmental Humanities (EH). The starting question is: built and accumulated over the centuries, how can information practices be remodeled in natural-cultural terms in the

face of the environmental challenges of our time? The general objective is to investigate the possible and existing relationships between IS and EH. The specific objectives are: i) to map the relationships between IS and EH, ii) to demonstrate, based on an interposition of narratives collected in academic-scientific literature, the possibilities of a different perspective on informational studies, notably anthropocentric. This is quali-quantitative research of a bibliographic nature and resulted in a corpus of 125 works analyzed, within the thematic belt researched. With a speculative approach, only 1 study directly addressed the relationship between IS and EH. Given the incipience of the existing thematic relationship, we propose a speculative fabulation between the fields based on natural-cultural issues that cross the formless acts (informis) of informing multinatural and multispecies worlds. In the end, amidst the ruins of our time, we conclude that to discourage the machination of the world in view of an ancestral future, it is necessary to confabulate in the home of informational studies with other companion species.
Keywords: environmental humanities; informatio science; speculative fabulation; natural-cultural.

1 INTRODUÇÃO: O PODER NARRADOR DOS MUNDOS EM (DE)COMPOSIÇÃO

> Importam as matérias que usamos para pensar outras matérias; importam as estórias que contamos para contar outras estórias. Importa quais nós amarram nós, quais pensamentos pensam pensamentos, quais descrições descrevem descrições, quais laços enlaçam laços. Importa quais estórias produzem mundos, quais mundos produzem estórias (Haraway, 2023a, p. 27).

O mundo que conhecemos, política e socialmente, é um resultado de atravessamentos complexos de culturas, tempos e normas. A partir da origem grega, da proveniência latina, das transformações vernáculas nacionais da Modernidade e das apropriações científicas da contemporaneidade, Rafael Capurro (2026) em “Informação: etimologia e história das ideias para uma fundamentação do conceito”, apresenta como o conceito de informação participou ativamente da construção narrativa do mundo tal como conhecemos hoje. Informar, ou, dar a forma a algo é um ato de configuração de mundo.

Desde um ponto de vista crítico da narração e da con-formação dos mundos, Cohen e Foote (2021, p. 2) postulam que a analítica das narrativas nos leva a questionar: i) quem é o “sujeito representado” e quem o representa na história, ii) quais são as possibilidades de outras narrativas que não aquelas oficiais e oficiosas, historicamente estabelecidas, e, iii) como essas narrativas são absorvidas e vivenciadas – violentamente ou não – pelos sujeitos sociais. Essas questões postulam um modo capaz de caracterizar “o poder formador de mundos da narrativa” e como as histórias contadas são mediadas por “diferentes registros de poder” que informam e são informados por uma multiplicidade de estórias naturaisculturais.

Desde uma perspectiva dos estudos informacionais e das suas narrativas, nesta pesquisa intentamos articular, de um modo ainda seminal, as possibilidades de composição[1] entre o território de saberes da Ciência da Informação e as Humanidades Ambientais (*Environmental Humanities*) ou Humanidades Ecológicas (*Ecological Humanities*)[2].

Sob um sentido amplo do nosso tempo, "Ciência da Informação e Sociedade" é um sintagma que figura nas áreas de concentração da maior parte dos Programas de Pós-Graduação em Ciência da Informação do Brasil. Essa expressão precisa compor com as questões da Natureza. Trata-se de nos reinventarmos e florescer com isso uma "reinvenção da Natureza" (Haraway, 2023b) no corpo dos nossos discursos, uma "recomposição de agenciamentos naturaisculturais florescentes" (Haraway, 2023a, p. 75), tendo em vista o "tempo das catástrofes" em que vivemos (Stengers, 2015) e o caráter planetário de urgência diante da nossa era de crises climáticas (Chakrabarty, 2025). Diante de "um presente sem porvir, um presente passivo, portador de um karma geofísico que *está inteiramente fora do nosso alcance* anular" (Danowski; Viveiros de Castro, 2014, p. 16), torna-se uma tarefa urgente, também para os estudos informacionais, a mitigação do fim do mundo[3]. Esta tarefa passa por reconsiderar, no corpo da historiografia epistêmica da Ciência da Informação, as estórias naturaisculturais apartadas pelas "invenções modernas da informação" (Day, 2001).

Por outro lado, sob um sentido estrito, desde o ponto de vista da taxonomia das ciências brasileiras, a Ciência da Informação encontra-se classificada dentro do macrocampo das humanidades pela CAPES. Por meio da organização do conhecimento científico nacional (Souza, 2012), a Ciência da Informação é um campo das humanidades e um potencial interlocutor epistêmico das Humanidades Ambientais.

Em meio a este "livro de estórias [*storybook*] da humanidade" (Arendt, 2005, p. 192), a seguinte pergunta de pesquisa se apresenta: construídas e acumuladas ao longo dos séculos, como as práticas informacionais podem ser remodeladas em termos naturaisculturais perante os desafios ambientais do nosso tempo? O objetivo geral desse estudo é investigar as relações possíveis e existentes entre a Ciência da Informação e as Humanidades

[1] Usamos a palavra composição no sentido de Donna Haraway (2023a, p. 62): "Meu companheiro Rusten Hogness sugeriu *composto* em vez de *pós-humano* (e *pós-humanismo*), e ainda *humusidades* em vez de *humanidades*, e eu me joguei nesta pilha bichada".
[2] O termo *Ecological Humanities* (Humanidades Ecológicas) ganhou popularidade a partir do final da década de 1990, através das perspectivas indígenas, dos estudos de gênero e da teoria crítica de viés pós-colonial.
[3] "O fim do mundo é um daqueles famosos problemas sobre os quais Kant dizia que a razão não pode resolver, mas que ela tampouco pode deixar de se colocar" (Danowski; Viveiros de Castro, 2014, p. 17).

Ambientais. Os objetivos específicos são: i) mapear as relações entre a Ciência da Informação e as Humanidades Ambientais, ii) demonstrar, a partir de uma interposição de narrativas coletadas na literatura acadêmico-científica, as possibilidades de um olhar outro acerca dos estudos informacionais – nosso destinatário alterante. Esses objetivos têm por propósito (re)vitalizar e fabular especulativamente estórias naturaisculturais nos estudos informacionais.

Na trama dessa "fabulação especulativa"[4], mas do que o intelecto do "povo do céu", são mobilizados os corpos-da-terra. Os corpos em cena são sociocósmicos (Kopenawa, 2015), e habitam uma "terra viva"[5] que, em seu estado atual, padece nas ruínas de um mundo em colapso ambiental. Em outras palavras, o corpo é um "ser-terra" (*earth being*), cuja vivacidade encontra-se em processo de desencantamento provocado pelo excepcionalismo humano do Antropoceno (De la Cadena, 2024). Nosso propósito é reencantar o mundo com o fabular de outras espécies companheiras na morada dos estudos informacionais. Confabular.

2 HUMANIDADES AMBIENTAIS E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: FABULAÇÕES ESPECULATIVAS

> Uma reorganização do conhecimento não ocorrerá sem resistência; não será isenta de custos e refletirá as estruturas políticas, econômicas e culturais nas quais o ensino superior está inserido. Enfrentar os desafios socioambientais deste século requer uma abordagem interdisciplinar que reconheça as ações humanas como parte do problema (Emmett; Nye, 2017, p. 164, tradução nossa).

A expressão Humanidades Ambientais (*Environmental Humanities*) se consolidou globalmente a partir da década de 2010. Todavia, este campo nasceu entre as décadas de 1960 e 1970 a partir da interlocução disciplinar entre as áreas da literatura, filosofia, história, geografia, estudos de gênero e antropologia (Emmett; Nye, 2017). Com o objetivo de situar as questões ambientais no macrocampo acadêmico-científico das humanidades, as

[4] Fabulação especulativa é uma das figuras conceituais da SF de Donna Haraway (2023a, p. 15): SF é a sigla em inglês para *science fiction* (ficção científica), *speculative fabulation* (fabulação especulativa), *string figures* (figuras de barbante), *speculative feminism* (feminismo especulativo), *scientific fact* (fato científico) e *so far* (até agora). Segundo Haraway (2023a, p. 15): "SF é um método de rastreio para seguir um fio no escuro, em um conto de aventuras real e perigoso onde quem vive e quem morre (e de que maneiras) pode tornar-se mais nítido para o cultivo da justiça multiespécie".

[5] De acordo com a Enciclopédia Latino-americana, "Terra viva" é uma das possibilidades tradutórias para a expressão *Abya Yala* do povo indígena Kuna (Porto-Gonçalves, 2016). *Abya Yala* é um sinônimo para a América. A concepção do território enquanto um "ser-terra" ou um ente vivo é própria de outras formas de vida não-brancas e, neste trabalho, é adotada de modo disseminado.

Humanidades Ambientais surgem como uma tentativa ampla de construir uma agenda crítica de ações para os desafios ambientais do nosso tempo.

Com um viés antropocêntrico e estruturado a partir do pensamento ocidental, os primeiros estudos das Humanidades Ambientais foram originados nos Estados Unidos e na Europa a partir de distintas abordagens sobre o dualismo natureza e cultura (Emmett; Nye, 2017). Os atos morais da cultura como os comportamentos das instituições, as crenças e as práticas humanas foram colocadas diante das questões ecológicas da natureza. Modernamente antagônicas, as categorias da natureza e da cultura passaram a ser revisitadas.

Diante de uma concepção moderna empobrecida e estreita da agência humana, as Humanidades Ambientais passaram a problematizar epistemicamente os quadros dos diagnósticos das ciências humanas e sociais, e a rearranjar as relações emaranhadas entre os mundos humanos e não-humanos. Paulatinamente, através de uma nascente "ecologia da vida selvagem", as relações assimétricas de poder político, cultural, social e simbólico do humano sobre a natureza passaram a ser questionadas desde um ponto de vista da "ética da terra". Deborah Rose *et al.* (2012) argumentam que o mundo natural deixou de ser um pano de fundo passivo para os dramas humanos e questões de significado, valor, responsabilidade e política passaram a envolver também as questões da natureza. Sob esta perspectiva surgiram conceitos como justiça climática e justiça ambiental[6], ecoracismo[7], ecocrítica, história ambiental, dentre outras perspectivas que contribuíram para a ampliação dos sentidos do campo em âmbito mundial (Emmett; Nye, 2017).

Deste modo, as Humanidades Ambientais podem ser entendidas como um agenciamento de saberes das ciências humanas e sociais, conceitualmente sensíveis com as questões ambientais e com a revitalização das humanidades para além da excepcionalidade ontológica do ser humano (Rose *et al*., 2012). Em sua crítica ecológica da razão, Val Plumwood (2002) argumenta que duas tarefas são centrais para as humanidades: i) reposicionar o humano dentro da natureza, e, ii) reposicionar os não-humanos dentro dos

[6] Os conceitos de justiça climática e justiça ambiental concentram-se na "refração local das forças globais e seus efeitos intergeracionais" (Emmett; Nye, 2017, p. 17, tradução nossa). Surgem com os movimentos sociais em defesa do meio ambiente e com as lutas dos povos indígenas em todo o mundo.

[7] O conceito de ecoracismo ou racismo ambiental está associado à ideia de injustiça ambiental. De acordo com Emmett e Nye (2017, p. 18, tradução nossa): "ainda na década de 1990, a questão racial não era amplamente discutida como parte da história ambiental, mas isso mudou por meio do diálogo com a crítica pós-colonial e do envolvimento com movimentos indígenas, antiglobalização e de justiça ambiental".

domínios ético-culturais. As Humanidades Ambientais propõem que as identidades e responsabilidades humanas estejam articuladas de um modo mais amplo com as comunidades multiespécies que emergem dos emaranhados das agências dos seres mais-que-humanos. Essas conexões nos situam como participantes de ecologias vivas orientadas por valores e significados multiespécies (Kueffer *et al.*, 2018)[8]. O mundo é uma zona de contato e contágio.

Sob as nuvens do Antropoceno, a ideia soberana do ser humano ilimitado é desfeita, e com ela também se dissolve o conceito antropocêntrico de informação como uma forma simbólica de orientação exclusivamente humana. A alteração radical do mundo provocada pelas mudanças climáticas exige uma reformulação radical sobre o que pensávamos acerca do humano e das humanidades enquanto campos de investigação (Chakrabarty, 2025). Em meio às fricções contemporâneas, somos obrigados a reimaginar as nossas questões e os nossos campos, e incorporarmos estórias naturaisculturais em nossas paisagens epistêmicas.

O objetivo desta pesquisa é investigar as relações existentes e especular as relações possíveis entre a Ciência da Informação e as Humanidades Ambientais. De caráter introdutório e reflexivo, essa é uma pesquisa quali-quantitativa de natureza bibliográfica (Marconi; Lakatos, 2007). O primeiro ato bibliográfico foi mapear as relações existentes na literatura da Ciência da Informação. No Brasil, em 23 de janeiro de 2026, visando a exaustividade, realizamos uma busca-teste genérica pelos termos "Humanidades Ambientais", "*Environmental Humanities*", "Humanidades Ecológicas" e "*Ecological Humanities*" — todos entre aspas, tendo em vista serem termos compostos —, na Base de Dados da Ciência da Informação (Brapci), sem demarcação temporal e tipológica. Não houve recorrência, nada foi recuperado. A ausência de resultados na maior base de dados brasileira em Ciência da Informação teve como efeito uma maior sofisticação terminológica para a construção de uma sintaxe de busca mais ampla e articulada com as tematizações das Humanidades Ambientais.

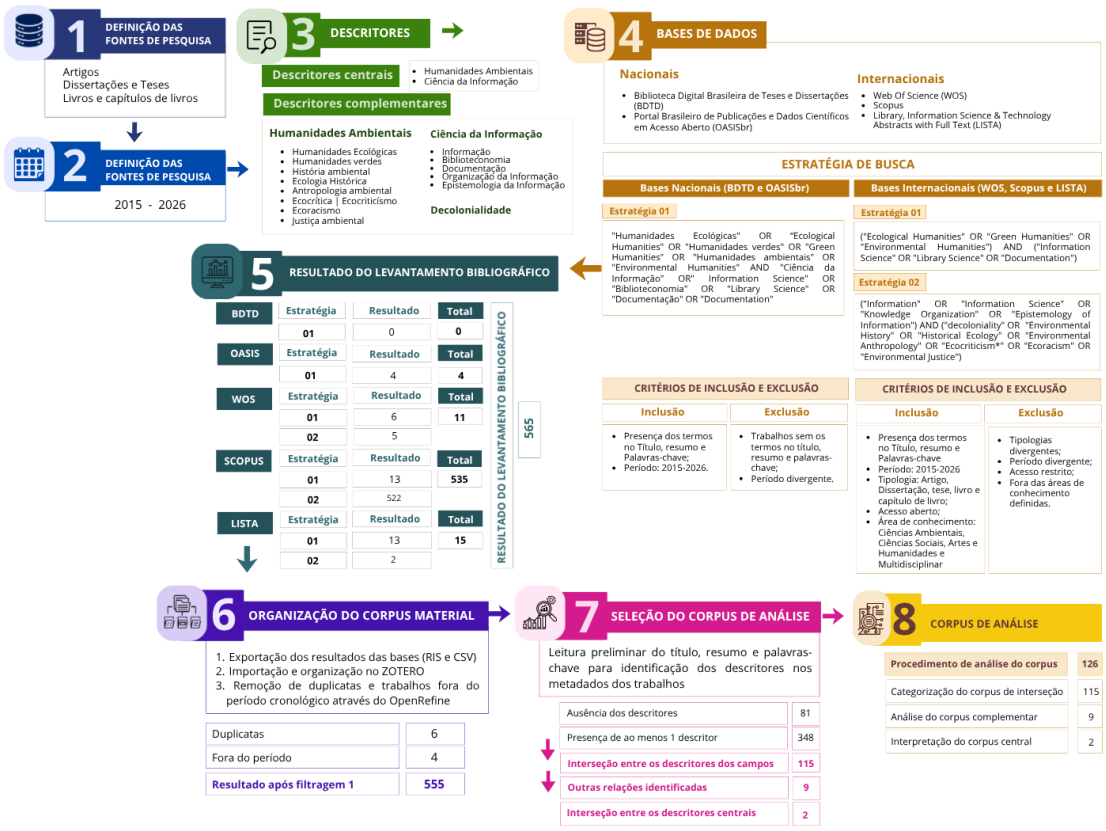
Em 18 de maio de 2026 realizamos uma nova busca: i) as bases nacionais pesquisadas foram a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e o Portal Brasileiro de Publicações e Dados Científicos em Acesso Aberto (Oasisbr), ii) as bases

[8] Um exemplo brasileiro está na oralitura de Antônio Bispo dos Santos (2023, p. 38), quando diz: "no quilombo, somos compartilhantes".

internacionais pesquisadas foram a *Web of Science* (WoS), *Scopus* e a *Library, Information Science & Technology Abstracts* (LISTA). Tipologicamente, as fontes de pesquisa definidas para a busca foram: i) artigos, ii) dissertações e teses, iii) livros e capítulos de livros. Essas fontes foram pesquisadas a partir do espectro temporal de 2015 a 2026. Além dos descritores centrais "Humanidades Ambientais" e "Ciência da Informação", adicionamos 15 descritores complementares ao escopo semântico da pesquisa.

Realizadas as buscas nas bases nacionais e internacionais selecionadas, o *corpus inicial* foi identificado (565 materiais) e organizado (555 materiais). Destacamos que mais de 60% (348) dos trabalhos recuperados continham os descritores nos metadados, todavia sem apresentar relação entre os assuntos de cada campo, mesmo com o auxílio dos operadores booleanos. Após a análise dos metadados (título, resumo e palavras-chave) e a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, 126 materiais foram selecionados para categorização (115 - *corpus* de interseção entre os descritores dos campos), análise (9 – outras relações identificadas no *corpus*) e interpretação (2 – *corpus* de interseção entre os descritores centrais da pesquisa) (WoS = 3; Scopus = 120; LISTA = 3). A figura abaixo apresenta as oito etapas do levantamento bibliográfico.

Figura 1 – Humanidades Ambientais e Ciência da Informação: um levantamento bibliográfico



Fonte: elaborado pelas autorias a partir do *software* Canva (2026).

Após a seleção do *corpus*, optamos por categorizar os materiais que apresentavam interseção entre os descritores dos dois campos (CI e HA) para ilustrar como os assuntos estão sendo abordados no campo da CI. Inicialmente, destacamos que dos 115 trabalhos, 47 (aproximadamente 40% dos estudos) apresentavam relação entre os mesmos temas "*environmental justice*" e "*Geographic Information Systems - SIG*", com relevo para narrativas e apagamentos de seres e saberes nos sistemas de representação e organização do conhecimento. Os demais trabalhos mostraram uma variabilidade de relações temáticas, estruturadas em quatro categorias: i) Informação, História e Patrimônio Ambiental, abrangendo a relação entre *"historical ecology" e "environmental history"* com informação ambiental, unidades de informação (destaque para Bibliotecas, Arquivos e Museus) e Conhecimento indígena; ii) Justiça Ambiental e Justiça Social destacaram-se pela relação entre o termo "*environmental justice*" e acesso à informação, justiça de dados e informacional, qualidade e disseminação de informações, destacando o papel das bibliotecas e bibliotecários nesse contexto; iii) Gestão, Dados e Tecnologias Ambientais demarcaram estudos sobre "*environmental justice*" e *"historical ecology*" associados à Arqueologia de dados, processamento e tratamento de informações, Humanidades digitais e sistemas de informação ambiental*;* iv) Conhecimento, Educação e Inclusão Socioambiental: nessa categoria entraram os estudos que relacionavam "*environmental justice*" a letramento informacional, educação ambiental e conhecimento ecológico tradicional, este vinculado principalmente aos saberes indígenas.

Em relação aos 9 trabalhos com relações complementares, eles foram selecionados por proporem interpretações alternativas como "justiça climática", "práticas informacionais", "escrita *fictocrítica"* e "humano-animal". Essas pesquisas ampliaram o viés temático debatido até o momento, apresentando articulações não antropocêntricas entre a natureza e a cultura através de práticas informacionais multiespécies (Solhjoo, 2026) e cosmologias indígenas (Franco-Moraes; Braga; Clement, 2023; Kato; Carvalho, 2026). Esses estudos introduzem o diálogo com os desafios ambientes e com a filosofia das HA, reconhecendo as incertezas do tempo presente, as subjetividades em cena e o conhecimento como um elemento relacional (Kueffer *et al*., 2018).

Dos 126 textos analisados[9], apenas 2 apresentaram a interseção entre as HA e a CI de modo direto nos metadados identificados: i) *Multispecies Information Science* de Niloofar Sohjoo, entretanto, as Humanidades Ambientais aparecem como campo interlocutor e não como eixo conceitual principal**.** O eixo central é a constituição de uma Ciência da Informação multiespécie, e, ii) *Towards a Librarianship of the Future: Fostering Cultural Adaptation to Climate Change* de Nora Zahn (2025). Com base na fabulação especulativa da obra *Always Coming Home* de Ursula Le Guin, em especial, a partir da ideia de uma "arqueologia do futuro" ("*towards an archaeology for the future*"), Nora Zahn apresenta uma perspectiva especulativa acerca do futuro do campo da Biblioteconomia, ao propor uma conexão epistêmica entre as indagações das questões ambientais do presente com o pensamento intergeracional das Humanidades Ambientais, onde a espacialização do tempo faz com que as fronteiras entre o tempo e o espaço não sejam tão claras e a história humana não seja mais distinta da história natural.

Essas estórias naturaisculturais existentes entre a Ciência da Informação e as Humanidades Ambientais apresentadas pela literatura científica assinalam para possibilidades de um olhar outro acerca dos estudos informacionais, ou seja, para fabulações especulativas acerca de questões naturaisculturais ainda não concretizadas no nosso campo.

3 INFORMAR AS DESIMPORTÂNCIAS DO MUNDO: FABULAR O INFORME, BRICOLAR O PENSAMENTO

> Uso a palavra para compor meus silêncios. / Não gosto das palavras / fatigadas de informar. / Dou mais respeito / às que vivem de barriga no chão / tipo água pedra sapo. / Entendo bem o sotaque das águas. / Dou respeito às coisas desimportantes / e aos seres desimportantes (Barros, 2003, p. 34).

Em "o apanhador de desperdícios", Manoel de Barros confronta os desgastes epistemológicos provocados pelo controle semântico das terminologias culturais dos processos e sistemas de organização do conhecimento científico – *Knowledge Organizing Processes* (KOP) e *Knowledge Organizing Systems* (KOS) (Hjørland, 2008; Dahlberg, 1993). O informar na língua do poeta revisita a tradição cultural do conceito, já fatigada pelo princípio

[9] Do *corpus* analisado, três trabalhos apresentaram o termo *Environmental Humanities*: i) Travis e Holm (2017), através do termo *Digital Environmental Humanities,* falam sobre os desafios do digital no contexto dos Sistemas de Informação Geográfica - SIG, vinculado a dimensões urbano-cibernéticas. Entretanto, a obra segue o alinhamento das Humanidades Digitais, ii) Biasillo (2020) relaciona migração populacional às *Digital Humanities*, e, iii) Eadie (2021) relaciona a escrita fictocrítica às lutas indígenas por territórios.

da não-contradição – "não significar uma única coisa é não significar nada absolutamente [...] não se pode pensar em nada sem pensar em algo único, e se o pudermos, colocaremos então uma palavra única sobre essa coisa" (Aristóteles, 2002, p. 147). Em meio aos "desperdícios semânticos" dos controladores dos sentidos e dos produtores culturais de unicidades, Barros reaviva a linguagem com a natureza, ao abrigar o abandono do dizer múltiplo e das suas desimportâncias ôntico-ontológicas. Informar é uma palavra com outras gentes dentro. Fabular essas estórias naturaisculturais é também revigorar o extenuado ato de informar.

Segundo Capurro (2026), em termos ontológicos, informar tem sido uma ação humana de dar a forma a algo único no mundo, enquanto, em termos epistemológicos, o ato de informar diz respeito a uma ação humana de dizer algo a alguém de modo significativo. Esse é o sentido legado etimologicamente na história das ideias do conceito de informação para o termo latino *informo*. Em seus protocolos de significação definidos pela lógica do sentido ocidental, a ação de informar tem sido marcada, por um lado, pela diferença ontológica[10] do "excepcionalismo humano" (Anderson; Perrin, 2018) e, por outro lado, por uma gramática epistêmica limitada ao mundo cultural desses mesmos humanos, sobretudo, os demasiados – aqueles modernamente marcados pelas insígnias racial da brancura, do gênero masculino sexualmente não-contraditório, da classe aristocrático-patriarcal dos poderosos e da elite burguesa da economia-política do Estado Moderno. Ao estabelecer uma palavra única – a do Humano – para cada coisa e um pensamento único (do Ocidente) para o mundo, os registros axiológicos das importâncias foram definidos pela Modernidade/Colonialidade (Dussel, 1993; Quijano, 2000). Ao passo de tantas violências simbólico-materiais (ontológicas e epistêmicas), o "conceito" de Mundo passou a ser, em seus atributos, uma exclusividade humana, enquanto para "o que restou" (Agamben, 2015), fora da ambiência excelsa da topologia do ser (Humano), legou-se o conceito de Natureza (Valentim, 2018). O "excepcionalismo humano" nos trouxe ao Antropoceno, a era antrópica.

[10] A "diferença ontológica" é o fundamento da "ontologia fundamental" de Heidegger (2011) e demarca a diferença ôntico-ontológica entre humanos (ser) e não-humanos (entes). Esta distinção está estruturada em três teses: i) o ente humano é o ser capaz de compreensão e formação de mundo – único capaz de informar autenticamente o seu próprio mundo, ii) dos entes não-humanos, os animais e as plantas são pobres de mundo e iii) os entes inanimados são sem mundo. Portanto, a categoria "mundo" é uma designação do ser-aí humano (*dasein*), em sua essência existencial de sentido (*ek-sistente*). O mundo é um isolamento metafísico exclusivo do humano e o *dasein* – "ente que nós mesmos somos" – é essencialmente "em vista de si mesmo".

Em nossa epígrafe, ao aproximar a instituição cultural da linguagem à natureza, em seus sotaques de água, sapo e pedra, Manoel de Barros viceja inscrições naturaisculturais – uma espécie de fabulação especulativa com o conceito ideomórfico de informação enquanto inscrição, desenvolvido por Bruno Latour (2000) em "Redes que a razão desconhece: laboratórios, bibliotecas, coleções". Em outras palavras, as questões naturais (e da Natureza) e as questões culturais (e da Cultura/Sociedade) não são e nunca estiveram separadas, como diziam os Modernos (Latour, 2019). Trata-se de aumentar o poente da linguagem e transvalorar as desimportâncias do mundo. Uma alternativa é fabular o informe – essa outra rede que a razão desconhece.

De acordo com Capurro (2026), a palavra latina *informatio* tem uma dupla acepção etimológica: i) *informo* enquanto dar a forma algo (único no mundo), ii) *informis* enquanto uma privação ou um afastamento da forma (única do mundo). A tradição do Ocidente validou como significativa e legítima a história das ideias do *informo*. Por outro lado, o *informis* foi negado e excluído dos sistemas de pensamento da história das ideias do conceito de informação, sendo dissociado dos atributos da cultura, da sociabilidade amistosa (*civitas*) e do espírito informacional, e vinculado ao tropo moderno da natureza.

A conformação moderna do informe enquanto um corpo de saberes, seres e coisas naturais – desimportantes e submetidas aos processos de dominação e exploração do capital nascente – foi legada pelo pensamento antigo e medieval da língua latina e intensificada com os processos de racialização da Modernidade/Colonialidade. O verbete *informis* do *Thesavrvs Lingvae Latinae* apresenta o informe na tradição latina como um "corpo sem espírito, com som de natureza" (inarticulado), "avesso ao conhecimento" (do Ocidente greco-latino), "selvagens semelhantes às florestas" (silvícolas), "sem enredo" (sem história), "bárbaros", "amorfos" (maléficos), "infames" (não eruditos), "maculados pelo pecado", "sem hábitos próprios" (multiforme, proteiforme), semelhantes às mulheres (*enantíon*), aos animais, bestas, monstros e seres metamorfos sem alma (Szantyr, 1900, p. 1474-1477, tradução nossa).

No contemporâneo, perante a trama hegemônica dos gestos coloniais de exclusão do Antropoceno e do Capitaloceno[11], os seres informes se expandiram: i) negativamente, desde uma visão ciclópica dos "povos da mercadoria" (Kopenawa, 2015) destinada ao extermínio e

[11] Capitaloceno é uma expressão criada em 2009 por Andreas Malm, adicionando as dinâmicas expropriadoras e devastadoras do capital na formação da era contemporânea do Antropoceno (Haraway, 2023a, 90-91).

à abominação de "tudo o que não é meu e não sou eu"; ii) positivamente, desde uma perspectiva semiótico-material dos "terranos" (*terriens*) (Latour, 2020) e dos "seres ctônicos" (Haraway, 2023a)[12] conectados com a terra e comprometidos a viver em meio às ruínas do nosso tempo (Tsing, 2019). Como argumenta Haraway (2023a) de modo realista, trata-se de "ficar com o problema" e, em atos de contenção do fim do mundo e "ecojustiça multiespécie" com os vivos, (re)vitalizar os modos de informar os mundos desses seres informes terranos, ctônicos e não soberanos. Fabular o informe é um ato especulativo de narrar estórias naturaisculturais de outros mundos possíveis, existentes e já presentes diante de nós como, por exemplo, a perspectiva multinatural das metafísicas ameríndias (Viveiros de Castro, 2018), o ponto de vista multiespécie das alteridades significativas do *Chthluceno* (Haraway, 2023a), o baraperspectivismo da metafísica iorubá (Santos, 2020), a "biointeração diversal" quilombola (Santos, 2023), a "metafísica da mistura" das vozes vegetais (Coccia, 2018), e tantos outros modos de existências materiais e mundanos ausentes ou rasurados pelas gramáticas da forma ocidental de dizer o mundo, modernamente científica e influenciadora, quase que exclusiva, dos modos de tematização da Ciência da Informação.

Bricolar o pensamento é um modo de fabular o informe a partir das suas propriedades terranas. Conforme argumentado por Lévi-Strauss (1989, p. 32), a bricolagem é uma característica do pensamento selvagem — sua "ciência primeira". À revelia do pensamento científico ocidental, o pensamento selvagem é marcado por uma ciência do concreto, capaz de improvisar soluções materiais e inovadoras, em meio às circunstâncias limitadas dos mundos sensíveis e dos seus elementos heterogêneos — feito o processo informacional de documentar a paisagem feito pelos povos indígenas Sámi (Grenersen; Kemi; Nilsen, 2016).

Marcada pela "composição heteróclita" de materiais, sempre finitos e residuais, a regra selvagem do jogo da bricolagem é "sempre arranjar-se com os 'meios-limites'" (Lévi-Strauss, 1989, p. 33) – próprios a um mundo em ruínas. O *bricoleur* renova e fertiliza as suas possibilidades de significação a partir da composição contingente dos resíduos do mundo. Em outras palavras, perante a intensa multiplicidade de seres, saberes e coisas do mundo e

[12] Donna Haraway (2023a, p. 100) associa os seres ctônicos com os terranos: "Os seres ctônicos, precisamente, não são deuses celestes nem o fundamento dos tempos olímpicos. Eles não fazem amizade com o Antropoceno nem com o Capitaloceno, que estão muito longe de acabar com eles. Os Terrestres [terranos] são capazes de tomar coragem – e passar à ação".

as indeterminações formais dos seus contornos, bricolar o pensamento é fabular o informe, lidar com os significantes instáveis que atravessam os diferentes mundos humanos e não-humanos.

Para fabular o informe é necessário bricolar o pensamento e revigorar as desimportâncias do mundo através das "palavras que vivem de barriga no chão", como nos diz Manoel de Barros. Para o campo dos estudos informacionais e perante o léxico vivo (*living lexicon*)[13] das Humanidades Ambientais, propomos e especulamos fabular estórias naturaisculturais a partir da terrana palavra informe (*informis*).

4 CONCLUSÃO: CONFABULAR MUNDOS, SEMEAR SABERES

> Pregam o fim do mundo como uma possibilidade de fazer a gente desistir dos nossos próprios sonhos. Há quem não veria sentido na vida se não fosse informados por sonhos. A minha provocação sobre adiar o fim do mundo é exatamente sempre poder contar mais uma história. Se pudermos fazer isso, estaremos adiando o fim (Krenak, 2019, p. 27).

Esse texto é sobre desanimar a maquinação do mundo em vista de um futuro ancestral (Krenak, 2022, p. 59). Indigenizados pelo "cogito canibal" das metafísicas ameríndias (Viveiros de Castro, 2018), traçamos uma "filiação intensiva" entre os estudos informacionais e as humanidades ambientais. Como ensinado por Donna Haraway (2023a, p. 29), ao compor "eu — nós — assim como toda a prole das histórias imperiais e colonizadoras devemos reaprender a conjugar mundos em conexões parciais, e não em universais e particulares". Com o informe (*informe*), bricolamos pensamentos e especulativamente confabulamos mundos onde caibam outros mundos. Com a terra, nossa biblioteca[14], semeamos saberes e nos informamos sobre as (des)importâncias do mundo.

A partir dos estudos mapeados, observamos um potencial crescente de investigações no espectro das Humanidades Ambientais dentro do campo da Ciência da Informação. O foco temático tem sido como as práticas de representação e organização do conhecimento contribuíram historicamente para o apagamento de seres e saberes, e como invertida esta relação, essas práticas podem contribuir para a justiça social, com especial destaque, com

[13] *Living Lexicon* (Léxico Vivo) é uma seção especial do periódico *Environmental Humanities* da Duke University (https://read.dukeupress.edu/environmental-humanities/pages/lexicon), o principal veículo de comunicação científica formal das Humanidades Ambientais no mundo.

[14] "Em 2012, organizei um encontro internacional sobre Conhecimentos Indígenas como parte de minha função como Presidenta da Federação Internacional de Associações e Instituições Bibliotecárias (IFLA). [...] Lá ouvimos de um jovem membro da comunidade Nuxalk que a terra é a sua biblioteca" (Parent, 2015, p. 704-705, tradução nossa).

relação aos povos indígenas. Em uma perspectiva transformadora de pensar o campo da CI, os estudos recuperados no levantamento bibliográfico, com destaque para o trabalho de Nora Zahn (2025), insinuam outras formas de pensar os desafios ambientais e informacionais, urgente nessa complexa e controversa relação entre natureza e cultura: "ecologias vivas de significado e valor" (Kueffer *et al*., 2018).

Especular relações possíveis entre a CI e as HA é um modo ancestral e intergeracional de acionar um repertório de ideias naturaisculturais mais-que-humano e recuperar o senso informacional multiespécie da natureza, sufocada pelos valores espúrios da civilização e do progresso da Modernidade/Colonialidade. As Humanidades Ambientais são "uma busca interdisciplinar para recuperar o conhecimento ameaçado de ambientes levados ao limite e para imaginar e narrar formas menos prejudiciais de ser humano em um mundo compartilhado e vivo" (Emmett; Nye, 2017, p. 164, tradução nossa). Em uma compreensão decolonial do campo informacional, trata-se de tecer "uma ética decolonial do encontro com outras presenças que habitam mundos diferentemente humanos e extra-humanos e estabelecem com eles relações sociocósmicas interdependentes" (Menezes, 2023, p. 15). Narrar essas estórias é também resistir ao peso do nosso tempo e tramar, frente ao espelho turvo do futuro, outras travessias.

À deriva com os terranos, fabular com outras espécies companheiras é um modo de adiar o fim do mundo. Essa é a fórmula deste texto: especular com os diversais[15] – seres informes, ctônicos, terranos... – estórias naturaisculturais para reencantar o mundo a partir dos estudos informacionais. Fazer o bom tempo.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **O que resta de Auschwitz**: o arquivo e a testemunha. São Paulo: Boitempo, 2015.

ANDERSON, Kay; PERRY, Colin. "Removed from Nature": the modern idea of human exceptionality. **Environmental Humanities,** New South Wales (EUA), v. 10, n. 2, p. 447-472, 2018. Disponível em: https://read.dukeupress.edu/environmental-humanities/article/10/2/447/136688/Removed-from-Nature-The-Modern-Idea-of-Human. Acesso em: 13 jun. 2026.

[15] Diversal é um conceito cunhado pelo quilombola Antônio Bispo dos Santos (2023, p. 31) para contrapor ao conceito de humano e às formas humanas pretensamente universais de dizer e unificar/globalizar o mundo.

ARENDT, Hannah. Trabalho, obra, ação. **Cadernos de ética e filosofia política**, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 175-201, 2005. Disponível em: https://revistas.usp.br/cefp/pt_BR/article/view/163481/157146. Acesso em: 21 jun. 2026.

ARISTÓTELES. **Metafísica**. São Paulo: Loyola, 2002.

BARROS, Manoel. **Memórias inventadas**: a infância. São Paulo: Planeta, 2003.

BIASILLO, R. Historical tools and current societal challenges: reflections on a collection of environmental migration cases. **Fennia**, Helsinque (FIN), v. 198, n. 2, 2020. Disponível em: https://www.scopus.com/pages/publications/85098469782?origin=resultslist. Acesso em: 21 jun. 2026.

CAPURRO, Rafael. **Informação**: etimologia e história das ideias para uma fundamentação do conceito. Brasília, DF: Editora Ibict, 2026.

CHAKRABARTY, Dipesh. **O global e o planetário**: a história da era da crise climática. São Paulo: Ubu Editora, 2025.

COCCIA, Emmanuele. **A vida das plantas**: uma metafísica da mistura. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2018.
COHEN, Jeffrey Jerome; FOOTE, Stephanie (org.). **The Cambridge Companion to Environmental Humanities**. Cambridge: Cambridge University Press, 2021.

DAHLBERG, Ingetraut. Knowledge Organization: its scope and possibilities. **Knowledge Organization**, Bayern (DEU), v. 20, n. 4, p. 211-222, 1993. Disponível em: https://www.imrpress.com/journal/ko/20/4/10.5771/0943-7444-1993-4-211. Acesso em: 13 jun. 2026.

DANOWSKI, Déborah; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Há mundo por vir?**: ensaios sobre os medos e os fins. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2014.

DAY, Ronald. **The modern invention of information**: discourse, history and power. Illinois: Southern Illinois University Press, 2001. Disponível em: https://monoskop.org/images/9/92/Day_Ronald_E_Modern_Invention_of_Information_Discourse_History_and_Power.pdf. Acesso em: 9 out. 2025.

DE LA CADENA, Marisol. **Seres-terra**: cosmopolíticas em mundos andinos. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2024.

DUSSEL, Enrique. **1492**. O encobrimento do outro: a origem do "mito da Modernidade". Petrópolis: Vozes, 1993.

EADIE, Jennifer. So many birds/one river: a fictocritical response to the Port-Yarta Puulti River, Kaurna Country. **TEXT** - Journal of Writing and Writing Courses, Sout (AUS), n. 63, 2021. p. 1-25. Disponível em: https://textjournal.scholasticahq.com/article/29719-so-many-

birds-one-river-a-fictocritical-response-to-the-port-yarta-puulti-river-kaurna-country. Acesso em: 9 out. 2025.

EMMETT, Robert S.; NYE, David E. **The Environmental Humanities**: A Critical Introduction. Cambridge, MA: MIT Press, 2017.

FRANCO-MORAES, Juliano; BRAGA, Leonardo Viana; CLEMENT, Charles Roland. The Zo'é perspective on what scientists call "forest management" and its implications for floristic diversity and biocultural conservation. **Ecology and Society**, Nova Scotia (CAN), v. 28, n. 1, 2023. Disponível em: https://ecologyandsociety.org/vol28/iss1/art37/. Acesso em: 22 jun. 2026.

GRENERSEN, Geir; KEMI, Kjell; NILSEN, Steinar. Landscapes as documents: the relationship between traditional Sámi terminology and the concepts of document and documentation. **Journal of Documentation**, Leeds (UK), v. 72, n. 6, p. 1181-1196, 2016. Disponível em: https://www.emerald.com/jd/article-abstract/72/6/1181/432523/Landscapes-as-documentsThe-relationship-between?redirectedFrom=fulltext. Acesso em: 22 jun. 2026.

HARAWAY, Donna. **Ficar com o problema**: fazer parentes no Chthluceno. São Paulo: N-1 Edições, 2023a.

HARAWAY, Donna. **A reinvenção da natureza**: símios, ciborgues e mulheres. São Paulo: Martins Fontes, 2023b.

HEIDEGGER, Martin. **Conceitos fundamentais da metafísica**: mundo, finitude, solidão. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

HJØRLAND, Birger. What is Knowledge Organization (KO)? **Knowledge Organization**, Bayern (DEU), v. 35, n. 2-3, p. 86-101, 2008. Disponível em: https://www.imrpress.com/journal/ko/35/2-3/10.5771/0943-7444-2008-2-3-86. Acesso em: 13 jun. 2026.

HOLM, Poul. TRAVIS, Charles. The New Human Condition and Climate Change: Humanities and Social Science Perceptions of Threat. **Global and Planetary Change**, v. 156, p. 112–14, 2017.

KATO, Danilo Seithi; CARVALHO, Luiz Marcelo de. Afro-Amerindian cosmopolitics in environmental education: a decolonial analysis of academic discourses involving the epistemological disputes around the term sustainability. **British Educational Research Journal**, Reino Unido (UK), v. 52, n. 1, p. 25-46, 2026. Disponível em: https://eric.ed.gov/?id=EJ1499203. Acesso em: 22 jun. 2026.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu**: palavras de um xamã Yanomami. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KUEFFER, Christoph; FORÊT, Philippe; HALL, Marcus; WIEDMER, Caroline. Applying the Environmental Humanities. **GAIA**, Zurique (CHE), v. 27, n.2, 2018, p. 254–256. Disponível em:

https://www.oekom.de/_files_media/zeitschriften/artikel/GAIA_2025_04_298.pdf. Acesso em: 22 jun. 2026.

KRENAK, Ailton. **Futuro ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LATOUR, Bruno. **Diante de Gaia**: oito conferências sobre a natureza do Antropoceno. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos**: ensaio de antropologia simétrica. São Paulo: Ed. 34, 2019.

LATOUR, Bruno. Redes que a razão desconhece: laboratórios, bibliotecas, coleções. *In*: BARATIN, Marc; JACOB, Christian (org.). **O poder das bibliotecas**: a memória dos livros no Ocidente. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2000. p. 21-44.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem**. Campinas, SP: Papirus, 1989.

MARCONI, Marina A.; LAKATOS, Eva M. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2007.

MENEZES, Vinícios Souza de. Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação: redes coloniais de desencantamento. **Encontros Bibli**, Florianópolis, v. 28, dossiê especial, p. 1-24, 2023. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/92665. Acesso em: 13 jun. 2026.

PARENT, Ingrid. Knowledge Systems for All. **Cataloging & Classification Quarterly**, Filadelfia (EUA), v. 53, n. 5-6, p. 703-706, 2015.

PLUMWOOD, Val. **Environmental Culture**: the ecological crisis of reason. London: Routledge, 2002.

PORTO-GONÇALVES, Carlos W. Abya Yala. *In:* JINKINGS, Ivana *et al.* (org.). **Enciclopédia latinoamericana**. São Paulo: Boitempo, 2016. Disponível em: https://latinoamericana.wiki.br/verbetes/a/abya-yala. Acesso em: 13 jun. 2026.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. *In*: LANDER, Edgardo (org.). **La colonialidad del saber**: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas latinoamericanas. Buenos Aires: CLACSO, 2000. p. 203-241. Disponível em: https://libreria.clacso.org/publicacion.php?p=247&c=8. Acesso em: 24 mar. 2026.

ROSE, Deborah B. *et al*. Thinking Through the Environment, Unsettling the Humanities. **Environment Humanities**, Durham (EUA), v. 1, n. 1, p. 1–5, 2012. Disponível em: https://read.dukeupress.edu/environmental-humanities/article/1/1/1/8085/Thinking-Through-the-Environment-Unsettling-the. Acesso em: 22 jun. 2026.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

SANTOS, Rodrigo dos. **Baraperspectivismo**: o trágico, relações raciais e o simbolismo de Exu. Rio de Janeiro: Editora Apeku, 2020.

SOUZA, Rosali Fernandez. Universo de ciência e tecnologia: organização e representação em classificações do conhecimento. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 1-20, 2012. Disponível em: https://revistas.ancib.org/tpbci/article/view/263. Acesso em: 24 mar. 2026.

SOLHJOO, Niloofar (ed.). **Multispecies information science**. London: Routledge, 2026. 235 p.

STENGERS, Isabelle. **No tempo das catástrofes**. São Paulo: Cosac & Naify, 2015.

SZANTYR, Anton. Informis. *In*: **THESAURUS Linguae Latinae**. Leipzig: Teubner, 1900. p. 1474-1477.

TSING, Anna. **Viver nas ruínas**: paisagens multiespécies no Antropoceno. Brasília, DF: IEB Mil Folhas, 2019.

VALENTIM, Marco A. **Extramundanidade e sobrenatureza**: ensaios de ontologia infundamental. Curitiba: Cultura e Barbárie, 2018.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Metafísicas canibais**: elementos para uma antropologia pós-estrutural. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

ZAHN, Nora. Towards a librarianship of the future: fostering cultural adaptation to climate change. **In the Library with the Lead Pipe**, Champaign (EUA), v. 25, 2025. Disponível em: https://www.inthelibrarywiththeleadpipe.org/2025/cultural-adaptation/. Acesso em: 20 maio 2026.